

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

A IMAGEM COMO HISTÓRIA, UMA LEITURA DO LIVRO DIDÁTICO ATRAVÉS DOS SEUS RECURSOS VISUAIS¹

IMAGE AS HISTORY, A TEXTBOOK READING THROUGH YOUR VISUAL RESOURCES

Eliana Rela^{*}
Lucas Troglio^{**}

Resumo: O presente artigo foi produzido a partir das atividades do projeto de pesquisa *Leitura de Imagens no Ensino de História: Um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições, livro didático e representações culturais* (LIDIHIS). Teve como objetivo analisar os recursos imagéticos de dois livros didáticos de épocas diferentes, a partir do conteúdo de Primeira República Brasileira, e avaliar sua disposição enquanto recurso para construção do conhecimento histórico. No contexto desta análise, a imagem será entendida como texto conforme estudos da pesquisadora Martine Joly. Percebemos, que as imagens são recursos presentes nos livros didáticos há décadas e que demandam propostas de problematizações que consigam extrair o seu valor pedagógico e social.

Palavras-chave: imagem. Livro didático. Ensino de História.

Abstract: This article has been produced from the research project *Image Reading in History Teaching: A study on changes and continuities in prescriptions, textbook and cultural representations* (LIDIHIS). We aimed to analyze the imagistic features two didactic books from different eras, from the content of the First Brazilian Republic, and evaluate your disposal as a resource for the construction of historical knowledge. In the context of this analysis, the image will be seen as text according studies of researcher Martine Joly. We realize that the images are features present in textbooks for decades and demanding proposals problematizations they can extract their pedagogical and social value.

Keywords: image. Didactic book. History teaching.

¹ Artigo produzido a partir do projeto de pesquisa *Leitura de Imagens no Ensino de História: Um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições, livro didático e representações culturais* (LIDIHIS).

^{*} Doutora em Informática na Educação, pesquisadora e docente dos programas de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul. Email: erela@ucs.br.

^{**} Acadêmico do curso de Licenciatura em História da Universidade de Caxias do Sul, bolsista de iniciação científica do programa BIC-UCS. Email: lucas-troglio@bol.com.br.

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

Introdução

Sendo recurso fundamental nas escolas – principalmente as públicas –, o livro didático talvez seja o documento mais presente na vida escolar dos estudantes do ensino básico. Grandes cifras são investidas na aquisição desses volumes que, ano após ano, são apropriados por incontáveis alunos em todas as disciplinas nos currículos.

É possível perceber que, nesses livros, uma grande quantidade de imagens visuais está disposta em conjunto aos textos apresentados. Essa formatação faz parte de uma proposta de potencializar a aprendizagem. Temos em nosso cotidiano uma grande quantidade de estímulos visuais e, esses, na medida em que se tornam mais frequentes, passaram a fazer parte de nossos instrumentos interpretativos da realidade que nos rodeia. Nesse sentido, os livros didáticos passaram a agregar em seus recursos essa plataforma de informação.

No entanto, é importante verificar como a disposição dessas imagens visuais se faz no interior dos livros didáticos. Tendo em vista que as novas tendências historiográficas ampliaram o conceito de fonte histórica, percebemos que as interpretações desses recursos visuais podem ser poderosas aliadas na construção do conhecimento em História e na apropriação dos estudantes da escrita desse campo.

Como objeto de análise para a escrita desse artigo, foram utilizados dois livros didáticos de períodos diferentes, a fim de estabelecer um paralelo entre a metodologia de utilização de imagens entre eles. O primeiro deles, *Compendio de História do Brasil*, de Mario da Veiga Cabral, publicado em 1929 pela editora de Jacintho Ribeiro dos Santos. O segundo, *História geral e do Brasil*, volume três, dos autores Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo. Trata-se de uma publicação do ano de 2013, lançado pela editora Scipione.

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

Os capítulos selecionados para a análise do conteúdo, são os referentes a Primeira República Brasileira, particularmente a partir do ano de 1914. Período de transformações econômicas, sociais e do cotidiano urbano.

Pretende-se nesse texto analisar e avaliar a disposição dos recursos visuais nos respectivos livros didáticos, observando as continuidades e/ou descontinuidades do ponto de vista da utilização imagética nessas publicações de diferentes contextos históricos. Considerar-se-á se essas imagens estão devidamente contextualizadas no texto, se tem coerência entre si, quais reflexões são propostas a partir destas.

1. Imagens visuais, construções de significado

Interpretar os estímulos visuais em nosso cotidiano é algo tanto necessário quanto compulsório. Na medida em que as tecnologias de informação avançam e os recursos para transmissão de comunicações se propagam, imagens visuais, estáticas ou em movimento nos são lançadas. Para Martine Joly, uma das características mais marcantes de nossa época, é a proposta de imagens enquanto comunicações. Para a autora, "quanto mais imagens vemos mais nos arriscamos a ser iludidos" (1999, p.9).

Uma das problemáticas, segundo Joly, trata-se da naturalização da presença de imagens comunicativas em nosso cotidiano. Na medida em que damos essas interpretações como processos naturais – e que não demandam uma instrumentalização teórica – mais cresce a sensação de manipulação através dos recursos visuais (1999, p. 9-10). Por isso, José Alberto Baldissera afirma que somos "analfabetos visuais", pois "sabemos entender o seu significado explícito, mas ainda estamos, em geral, pouco qualificados para ler os seus significados implícitos, causados, por exemplo, pela tensão entre forma e conteúdo" (2010, p.248).

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

A autora defende que imagem, enquanto conceito, pode ser considerada uma operação mental, individual ou coletiva, que constitui a representação no aspecto visual ou de semelhança de uma referência social e culturalmente elaboradas (1999, p. 20-21).

Martine Joly aponta que tudo pode ser signo – produtor de sentido – ao passo em que somos seres sociais que aprendem a interpretar o mundo que nos cerca (1999, p. 28). Outro autor associado aos estudos semióticos, em outras palavras, dos signos, Eric Landowski corrobora com este apontamento. Segundo ele,

Não só nos ‘comunicamos’ com a ajuda de palavras, proposições, enunciados, atos de linguagem e narrativas, mas também ‘lemos’, interpretamos, fazemos significar o próprio mundo natural, isto é, a realidade sensível ou imaginária que nos rodeia (1992, p.146).

Não existem fronteiras semióticas, elas se manifestam nas diversidades de linguagens.

Mesmo uma imagem fixa, que pode formar uma mensagem mínima e única, na verdade constitui uma comunicação complexa. Imagem é algo heterogêneo, pois reúne e coordena em um quadro diferentes categorias de signos (JOLY, 1999).

Entre a percepção e a interpretação de um estímulo visual, segundo Joly, existem problemáticas. Reconhecer alguns motivos de contexto não significa uma compreensão integral de uma mensagem, tendo em vista que se deve considerar o contexto do seu aparecimento, às expectativas e os conhecimentos dos receptores (1999, p.32-33). Assim, considerar o contexto da recepção do livro didático na escola é determinante. A partir dele, podemos inferir sobre a construção de significados a partir dessas comunicações visuais.

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

A comunicação é um processo dinâmico e envolve relatividades, afinal, a significação não está nas coisas, mas dependem de sua colocação e da resposta ao estímulo. É neste contexto em que o presente estudo procurou avaliar a composição imagética do livro didático.

2. O ensino de História e as imagens no livro didático

Trabalhar a imagem como instrumento de aprendizagem é muito mais do que utilizá-la como ilustração. Por isso, Mariana de Aguiar Ferreira Muaze, nos recorda, a partir de Le Goff, que todo documento é um monumento “que através da divulgação ou do silêncio permitiu que o mesmo se perpetuasse no tempo” (2015, p. 00). Além disso, esse não tem validade em si, mas é construído significativamente na sua relação com outros registros.

Muaze aponta que os cursos de História nas universidades do Brasil, tendem a reafirmar a hierarquia do texto escrito, e não apresentam disciplinas instrumentais para o trabalho com imagem. “Essa formação logocêntrica reforça a prática de decodificar imagem em texto, esvaziando-a de seu potencial interpretativo e expressão social” (2015, p. 225).

Assim, urge um ensino de história a partir das imagens, que considere em sua metodologia o entendimento dessas como produto cultural, que tem sua circulação, técnicas próprias de produção, além do seu caráter comunicativo. Um mesmo objeto de conhecimento pode ser abordado de diversas esferas do mundo social, o que permite múltiplas compreensões de um mesmo conhecimento (MUAZE, 2015).

A prática do ensino que utilize recursos imagéticos deve procurar, segundo Regina Marina de Cunha Bustamante, encontrar os discursos nas

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

imagens. Afinal, essas são concebidas como um ato de comunicação (2007, p.240). Nesse sentido, ao passo em que os alunos se apropriam dessas metodologias, tem contato com as problemáticas da produção historiográfica, que pensam atingir o “pensar historicamente”.

A mobilização de diversos tipos de documentos nas práticas escolares propõe reflexões sobre discursos sociais contraditórios, mesmo a narrativa historiográfica e sua construção na relação entre presente e passado e a subjetividade do pesquisador, além da transitoriedade do conhecimento científico. São medidas que apresentam aos alunos o método científico e suas questões epistemológicas, tornando-o protagonista e construtor do seu conhecimento. Percebe-se que o que está em questão, não são conteúdos curriculares da História, mas a problematização de conceitos e a instrumentalização de exercícios necessários para a prática historiográfica como a “leitura, análise, síntese e elaboração de texto; investigação; generalização; argumentação; contextualização; percepção de diferentes visões historiográficas; comunicação e expressão oral” (MAUZE, 2015, p.229).

Essa proposta coloca o professor como responsável por apresentar uma vivência prática de investigação, articulando saberes que, se apropriados pelos alunos, os levam a pensar historicamente.

A consciência histórica não é um processo dominado pelo ensino escolar, ela é inerente ao pensamento humano, e decorre da relação dialética entre os múltiplos espaços do conhecimento. Saber aproveitar essa diversidade é uma habilidade do bom professor. (MAUZE, 2015, p. 231)

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

O livro didático, assim como qualquer recurso de aprendizagem, tem sua utilização sempre influenciada pelo uso que o professor e os alunos fazem. Ströher, nos lembra, ao citar Alain Chopin, que “o professor está [...] pouco atento ao que [as imagens] transmitem. Aliás, o aluno, talvez pelo apelo visual que elas suscitam, se encanta mais que o professor com esta forma de linguagem (representação de um conhecimento) ” (Apud. STRÖHER, 2012, p. 48).

Por essas e outras razões, a leitura do livro didático é um ato complexo. Nem o professor, nem os autores (que trabalham dentro de uma lógica estabelecida), têm controle sobre a apropriação que o aluno fará de seu conteúdo, mesmo que o objetivo do trabalho educativo contemple a necessidade de proporcionar uma experiência equivalente para todos os assistidos.

A perspectiva de que as imagens do livro didático podem ser mais atraentes para os alunos do que para os professores nos remete ao apontamento de Ivan Gaskell: “nosso relacionamento com o passado não é mais primeiramente definido pela história, mas antes por uma variedade de prática, grande parte dela visualmente baseada, sujeita a análises em termos do ‘visualismo’ e do ‘olhar expandido’” (1992, p.271). Assim, de acordo com Bittencourt (2001), propor observações das imagens dos livros didáticos torna-se um meio de despertar a curiosidade sobre aspectos pouco trabalhados no ensino e na leitura, contribuindo na formação de leitores de textos históricos críticos e autônomos.

Vale ressaltar que os volumes são apresentados com diagramações e projetos gráficos cada vez mais atraentes. Conforme Carlos Eduardo Ströher, “o mercado editorial do livro didático no Brasil apresenta um alto crescimento nos últimos anos, contribuindo para a qualidade – ao menos visual – das publicações” (2012, p. 47). Baldissera concordou que “a maioria

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

dos livros didáticos de História é repleta de imagens, o que reflete uma tendência atual de nossa sociedade, que é de ser dominada cada vez mais pelo visual" (2010, p. 252).

Circe Bittencourt nos lembra que o livro didático não foge da lógica mercadológica. Ou seja, ele não se distancia de "um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização". Além disso, a mesma autora coloca as outras facetas desse recurso didático, que é também um "depositário de conteúdos escolares", "um instrumento pedagógico" e um importante "veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura" (2001, p.71-72).

Chama a atenção, Ströher, no entanto, que os objetivos desses recursos nos livros didáticos não são meramente estéticos, mas "cabe ressaltar que a função que estas ocupam em relação aos textos que as acompanham é, muitas vezes, o de meras ilustrações, ou como de provas que embasam e confirmam as informações escritas" (2012, p.47).

O Guia Digital do PNLD 2016 (Programa Nacional do Livro Didático) prevê em sua ficha de avaliação para a inscrição de livros didáticos de História, que os volumes apresentem orientações e atividades para o desenvolvimento da leitura de imagens, e que estas sejam acompanhadas de suas referências e possibilitem interações com o contexto.

O documento preocupa-se em alfabetizar visualmente os assistidos pelo livro didático. Diz em suas recomendações de recursos didáticos, que os materiais devem proporcionar acesso aos alunos a diversos gêneros textuais que ofereçam maneiras de pensar historicamente. E pontua em seguida: "apresentam ilustrações que exploram as múltiplas funções das imagens, de

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

forma a auxiliar o aprendizado do alfabetismo visual e do ensino de História”².

Vemos, a partir dessas leituras que hoje, impreterivelmente, o ensino de História deve contemplar em sua metodologia práticas de leitura de imagem. Essa medida não apenas entra em acordo com as novas tendências da historiografia, como desenvolve no estudante o discernimento de interpretar a sociedade, cada vez mais visual, que o rodeia, além de contribuir para o “pensar historicamente”, princípio basilar no ensino de História.

3. Um exercício de leitura de imagem no livro didático

Compendio de Historia do Brasil é um livro didático escrito por Mario da Veiga Cabral, publicado em 1929 (em sua 6ª edição) pela editora de Jacintho Ribeiro dos Santos. O volume aponta em sua folha de rosto, ter sido adotado no Colégio Pedro II (referência nos programas de ensino do país desde sua fundação, em 1837, até 1931), em Colégios Militares, Escolas Normais, além de outras instituições de ensino secundário.

Trata-se de uma encomenda do editor, Jacintho Ribeiro dos Santos, ao autor. Teve como preocupação, segundo nota do editor, “attender o mais directamente possível o programma dos Collegios Militares[sic]” (CABRAL, 1929, p.09). Ainda na apresentação do documento, mais informações sobre o autor estão disponíveis, através da opinião da imprensa sobre a publicação.

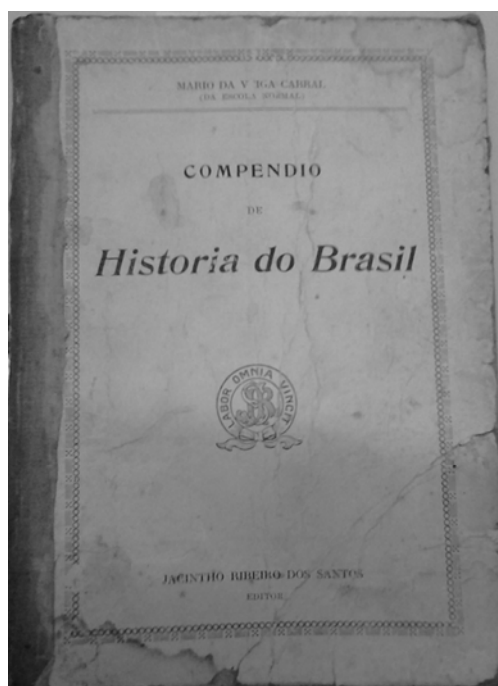
O Compendio de História do Brasil fora escrito por um “engenheiro agrimensor” já conhecido por suas publicações didáticas de História e Geografia. A obra é qualificada, segundo jornal *O Imparcial*, pelas suas

² Disponível em: <http://www.fnnde.gov.br/pnld-2016/>. Acesso em 3 jul. 2016.

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

“qualidades de methodo, clareza e discreta exposição[sic]”. Já o *Jornal do Brasil*, defende que “se tivermos em vista a escassez das fontes históricas, com que tem de lutar todo aquelle que se dedica a estudos do genero[...] pode ser considerado um dos melhores do genero [sic]” (CABRAL, 1929, p.14). Algumas páginas são destinadas para essas opiniões, que parecem tentar legitimar a suposta qualidade da obra. O texto do livro, em si, abre logo com o Brasão das Armas dos Estados Unidos do Brasil, além de uma página com todas as bandeiras nacionais desde a colônia.



Capa do livro didático Compendio de História do Brasil de Mario da Veiga Cabral, publicado em 1929.

Referente a temática e o recorte temporal selecionados para este estudo, a Primeira República do Brasil, no período 1914 – 1930 (tempo em que este livro fora escrito e distribuído), verifica-se que os capítulos destinados a esta temática, os três últimos, são separados por presidentes, cada um no seu “quadriênio”. A publicação carece de imagens,

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

principalmente devido aos recursos de diagramação da época. Na verdade, chama a atenção a opção do autor na escolha dessas iconografias.

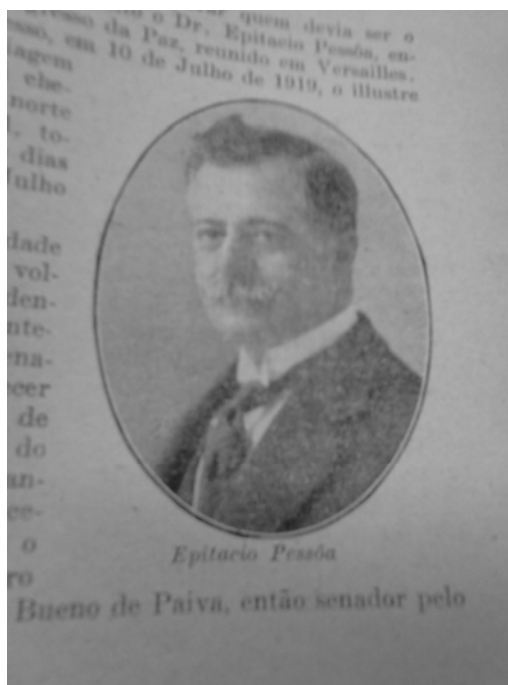
Nas dezesseis páginas correspondentes as temáticas, estão distribuídas sete imagens. Todas elas são reproduções de fotografias de personagens históricos, particularmente os presidentes. As imagens são dotadas apenas de uma legenda que identifica a pessoa da imagem.

Percebe-se, neste volume que as imagens são de caráter ilustrativo. Confirmando, em certo sentido, a narrativa do texto, a história dos “grandes homens” e seus “grandes feitos”. Notavelmente, os textos não possuem interesse nenhum nos aspectos sociais, avanços materiais, culturais ou tecnológicos. Consiste, na verdade, em biografias de cada um dos presidentes e suas trajetórias no poder.

Interessante observar a leitura que o livro faz, no final do texto, sobre o seu presente. Para o autor, o governo de Washington Luis acontecia em um período de calma no Brasil, e que por ser recente, não poderíamos fazer algum julgamento. Além disso, o texto aguardava tempos de glória que o futuro reservava ao país, a “primeira nação sul-americana e potencia de prestígio indiscutível no conceito mundial [sic]” (CABRAL, 1929, p. 334).

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126



Ex-presidente Epitácio Pessoa. (CABRAL, 1929, p.325)

Este livro didático não apresenta, em nenhuma parte de seu conteúdo propostas de atividades ou reflexões. As imagens não fogem dos grandes ídolos, assim como o texto. Vale ressaltar que o paradigma de ensino de História no começo do século XX, segundo Thais Nivia de Lima e Fonseca, buscava formar um cidadão adaptado a situação política vigente, no caso a República. Adiante, a autora, citando Circe Bittencourt, aponta que o ensino se dava pelo exemplo dos “grandes cidadãos, a história do que a fizeram a ela própria, sobressaindo sobre a atividade anônima das massas, dirigindo-as aos seus destinos e aos seus ideais” (BITTENCOURT. Apud: FONSECA, 2006, p.51-52). Assim, estudar História, compreendia um estudo biográfico.

O outro livro em análise, *História Geral e do Brasil*, volume 3, é uma publicação dos autores Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, lançado pela editora Scipione em 2013. O livro destina-se ao terceiro ano do ensino médio.

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

Cláudio Vicentino, segundo o próprio livro, é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e atua como professor de História em cursos pré-vestibulares e ensino médio. Gianpaolo Dorigo, bacharel e licenciado em História pela USP e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, também atua como professor em cursos pré-vestibulares e ensino médio.

Na apresentação do volume, os autores destacam que suas mãos são “sujas de giz” e apontam que a preocupação na escrita do livro foi exatamente de escrever um material que “apontasse os diversos caminhos do saber histórico” (VICENTINO e DORIGO, 2013, p. 3). Chamam a atenção também, neste mesmo trecho, para a construção do conhecimento histórico e a sua impossibilidade de neutralidade, este influenciado pela visão de mundo dos historiadores, cada um em seu contexto. Outro apontamento da apresentação do recurso é a possibilidade de, para aqueles que “pretendem seguir seus estudos”, o livro oferece recursos para desenvolver competências solicitadas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A obra se organiza em duas unidades de conhecimento. A primeira, “para entender o nosso tempo: o século XX” se organiza, cronologicamente, da Proclamação da República do Brasil (em 1889) até o final da Segunda Guerra Mundial. A segunda, “do pós-guerra ao século XXI”, compreende o final do segundo conflito mundial até o governo Dilma Rousseff.

O recorte selecionado para este estudo, compreende o conteúdo da Primeira República Brasileira, localizado na primeira unidade do livro. É notável que já no sumário encontram-se imagens relacionadas aos conteúdos descritos. São cinco imagens, duas reproduções de pinturas e três fotografias. Todas devidamente identificadas quanto a sua origem, dialogam implicitamente com os conteúdos da unidade. As duas pinturas são referentes ao Brasil. A primeira delas trata-se de um recorte da tela “A

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

Proclamação da República” de Benedito Calixto. Observamos na imagem militares montados em cavalos, além de alguns canhões. A segunda, trata-se, também de um recorte, da tela “A Pátria” de Pedro Bruno. Na imagem, é possível ver apenas o centro da tela original, uma criança loura segura próximo ao seu rosto a bandeira do Brasil. As três fotografias referem-se respectivamente a Primeira Guerra Mundial (três soldados, de costas, caminhando), a Revolução Russa (militares russos reprimindo ações populares em 1905) e ao nazismo (judeus identificados com a estrela de David chegando em Auschwitz). Sem um conhecimento prévio, os leitores não associariam estas imagens aos conteúdos e as suas significações. A imagem na menina em referência a “jovem República Velha” não cria significações. A única relação que se estabelece em primeiro momento é a de aproximação, afinal, todas as imagens se aproximam dos títulos referentes.

Após o sumário encontram-se duas páginas de “Conheça seu livro”. Ali é possível encontrar dicas dos autores para como utilizar seu livro, potencializando os estudos. Sobre as imagens, os autores pontuam: “As imagens, mapas, esquemas e boxes ilustram aspectos importantes ou complementam informações. Por isso, também podem dar boas pistas sobre a organização do todo e a importância das informações” (2013, p.8).

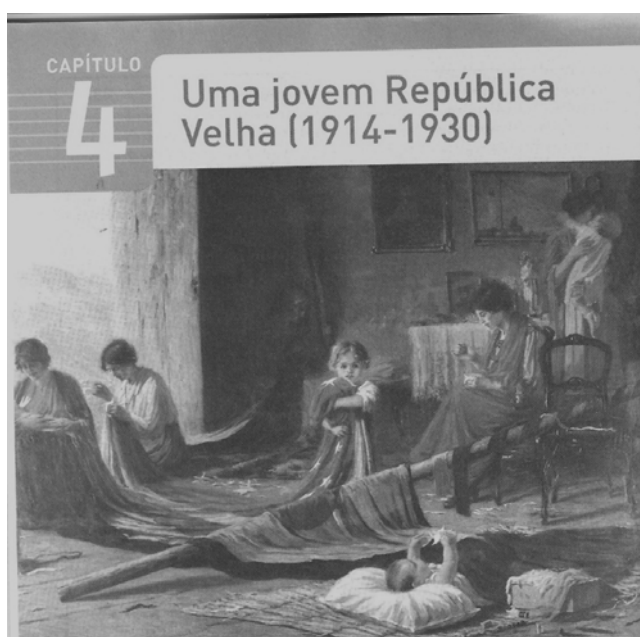
É sempre importante ponderarmos sobre a informação escrita e a visual. Ivan Gaskell, em seu ensaio *História das Imagens*, nos lembra que “os fotógrafos”, por exemplo, “estão sujeitos a muitas formas de manipulação [...] e o significado prontamente legível muitas vezes é apenas gerado pela combinação com uma legenda” (1992, p. 266). O autor nos lembra que legendas diferentes para as mesmas imagens podem produzir interpretações diversas e até contraditórias do recurso. Sobre isso, Joly conclui que não se deve pensar que a imagem visual exclui a linguagem escrita. Além disso, a

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

autora defende que “é a conformidade ou a não-conformidade entre o tipo de relação imagem/texto e a expectativa do receptor que dão à obra um carácter de verdade ou de falsidade” (1999, p. 121). Esta relação de complementaridade entre imagem e palavra consiste em comunicar aquilo que a imagem dificilmente demonstra.

No capítulo “Uma jovem República Velha (1914-1930)” são treze imagens, entre fotografias, pinturas, ilustração e mapa, distribuídas em quatorze páginas. Percebemos neste capítulo, uma má distribuição imagética, sendo que uma página, por exemplo, não possui nenhum recurso visual. A predominância no capítulo é a fotografia. Duas pinturas estão presentes. A já citada “A pátria” de Pedro Bruno, que abre o texto, e “Abaporu” de Tarsila do Amaral, integrada ao subtítulo “A Semana de Arte Moderna”, além de uma ilustração referente a propaganda do Partido Democrático, sem indicação de data.



Abertura do Capítulo “Uma jovem República Velha”. Reprodução da tela “A Pátria” de Pedro Bruno. (VICENTINO e DORIGO, 2013, p. 64)

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

A obra de Pedro Bruno, "A Pátria", é muito relevante pois produz diversas significações em seu discurso imagético. Em uma sala, quatro mulheres confeccionam a bandeira do Brasil (uma delas trabalha enquanto amamenta). O longo pano, estendido pelo chão do local, é abraçado carinhosamente por uma menina. Ao lado, visualizamos um bebê coberto com o tecido da bandeira. Ao fundo, um homem e uma mulher trocam beijos e abraços, do lado de um homem mais velho sentado. Percebe-se em cima de um móvel, no fundo da pintura, uma imagem de algum santo católico. Neste recurso visual, como um todo, podemos visualizar o discurso patriótico marcante do início da República. A bandeira aquece o bebê da mesma maneira que protege a menina. As mulheres, mães das crianças, trabalham na constituição do símbolo nacional que colabora no cuidado de sua prole, membros da nação.

Notamos que a diagramação do livro eliminou parte do canto direito da tela onde existe um homem mais velho sentado. As duas personagens mais velhas do quadro, a mulher à esquerda e o homem à direita (esse excluído pelo projeto gráfico do livro), estão em um espaço mais escuro do que o restante da família, parecem não ser dignos do protagonismo da imagem. Aspira-se, no contexto da produção da tela, o novo, o moderno, ao passo em que se nega o antigo, em outras palavras, o Império.

Aqui, recordamos da passagem de Bittencourt sobre as diagramações dos livros didáticos. Diz a autora:

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

A diagramação e a paginação dos livros são estabelecidas por um profissional especializado, e dessa forma, os caracteres, a dimensão, as cores das ilustrações enfim são decisões de técnicos, de programadores visuais, sendo que o autor, pouco ou nada interfere, na maior parte das vezes, na composição final do livro. (2001, p. 77)



A Pátria de Pedro Bruno, acervo do Museu da República. Reprodução disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/c/c5/Patria-bruno.jpg>. Acesso em 2 jul. 2016.

Nenhuma proposta de interpretação ou leitura da imagem é presente no conteúdo do livro. Fica a cargo do professor perceber essa possibilidade de reflexão.

As temáticas presentes nas fotografias também se fazem presentes no texto escrito. A industrialização de São Paulo e Rio de Janeiro, a urbanização das cidades, a formação da burguesia e do proletariado nacional, montam a narrativa imagética da primeira parte do capítulo.

Em seguida, as temáticas referem-se ao movimento tenentista, a Semana de Arte Moderna e os enfrentamentos políticos. Chama a atenção,

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

a pouca exploração de imagens da “República Velha”. Se utilizarmos, como exemplo, a temática da Arte Moderna, o texto deixa a desejar. Notamos uma opção dos autores em dar maior visibilidade a formação de classes e seus enfrentamentos através de meios fotográficos. Associamos isso, ao que Gaskell defendeu sobre este recurso. Para ele, a fotografia trata-se de “um meio visual em que os acontecimentos passados são com frequência [sic] tornados mais acessíveis pela resposta emocional do momento. Isto porque a fotografia traz em si uma relação material e causal com seu sujeito” (1992, p.265)

Vale lembrar que o modernismo brasileiro é uma referência em arte a nível internacional, e que suas características nos permitem vislumbrar vários elementos de sua época, inclusive a luta de classes. Não há, ao que parece, uma relação dos textos escrito e imagético quanto a influência de ideais socialistas e nacionalistas no movimento artístico supracitado.

Uma representação interessante no capítulo é a presença de um postal contendo uma fotografia do início do século XX que apresenta uma rua movimentada e “moderna” em Belém do Pará. O texto que acompanha a imagem chama a atenção para as novidades no cenário urbano, “fiação elétrica, transporte coletivo, comércio dinâmico”. Uma imagem que nos propõe diversas reflexões.

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.



▲ Rua movimentada em Belém do Pará: comércio dinâmico e equipamento urbano moderno [fiação elétrica, transporte coletivo sobre trilhos]. Postal do início do século XX.

Postal de Belém do Pará, 1916. A imagem associa o desenvolvimento urbano ao período da Primeira República.

É visualizável na imagem uma rua relativamente movimentada. Nela passam um bonde, pessoas e animais. Trata-se de uma área com intenso comércio e serviços. As muitas placas distribuídas pelos prédios e pela calçada poluem visualmente a paisagem. Um grupo de pessoas, aparentemente apenas do sexo masculino, posam para a fotografia que propõe visualizar a transição de uma cidade imperial para uma republicana. Comércio, luz, trabalhadores, transporte e movimento, são elementos que induzem a pensar modernidade, entendida neste caso como progresso material.

Uma das marcas do período, nos lembra José Geraldo V. de Moraes, foi a expansão dos serviços urbanos, onde as melhorias materiais revelavam o desenvolvimento econômico setorial. Os investimentos em luz, transporte público, distribuição de água, calçamento e pontes davam características próximas aos centros urbanos europeus. As populações cada vez maiores

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

passaram a andar mais rápido, seja no ritmo do trabalho ou mesmo do seu lazer. Outro elemento que este autor apresenta é nitidamente visível no postal citado anteriormente, a disputa por espaço visual nas ruas. Todos os centímetros possíveis passam a ser ocupados por letreiros, placas luminosas, cartazes e vitrinas (MORAES, 1994, p.68). Ao que parece, a demanda por instrumentalizar-se a uma vivência visual já se manifestava no começo do século XX.

Seja pelo julgamento dos autores, quanto ao acontecimento e sua relevância, ou suas aproximações teóricas, percebemos uma limitação temática nas imagens do capítulo. Isso nos reporta ao próprio apontamento dos autores na apresentação do livro, afinal, “o que sabemos sobre o passado, querendo ou não, reflete os valores dos historiadores de determinado tempo, projeta seus interesses e suas crenças” (VICENTINO e DORIGO, 2013, p.3).

Considerações finais

O livro didático, para que seja um instrumento de aprendizagem atualizado e coerente com a realidade dos seus leitores, deve contemplar o máximo de elementos problematizadores na sua constituição. Para tanto, a presença de recursos visuais comunicativos nos parece um elemento central para a aprendizagem do conhecimento histórico. Cada vez mais a concepção de fonte histórica vem se reinventando e as imagens ao longo desse processo vem demonstrando que são representações que apresentam diversas visões de mundo e falam muito do seu lugar social. Entretanto, a leitura de uma imagem envolve, entre outros fatores, o contexto da recepção desta. Neste estudo percebemos que os livros didáticos cada vez mais apelam para diagramações atraentes e ricas em

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

recursos visuais e que estas possibilidades de formatação devem ser aliadas da narrativa histórica. Para isso, a escolha das imagens, sua organização dentro dos capítulos, e coerência com o texto escrito devem ser elementos presentes. A leitura dos livros didáticos selecionados nos mostrou que na medida em que as técnicas de produção de materiais impressos avançam, os livros também acompanham esse movimento. Da mesma maneira, os paradigmas historiográficos também dialogam com a produção do livro, abordando mais recentemente aspectos sociais e cotidianos. Por outro lado, mesmo com esses aspectos citados, os textos analisados carecem de propostas de interpretação e problematização dos recursos visuais, revelando uma carência metodológica nesse sentido.

Por fim, mesmo com um livro didático rico em ilustrações coerentes e muito problematizadoras, a mediação do professor parece um elemento fundamental no aproveitamento dessas imagens. Mesmo que os alunos se interessem – e eles costumam apresentar mais interesse que os docentes – pelas imagens, a metodologia escolhida pelo professor para a abordagem da temática nos parece o eixo de ligação entre curiosidade discente e problematizações críticas. Nesse sentido, ponderar sobre a formação pedagógica e sua instrumentalização para o trabalho com diversas plataformas de informação, e aqui nos referimos as visuais, nos parece uma problemática para novos estudos e intervenções no âmbito da educação.

Referências

BALDISSERA, José Alberto. Imagem e Construção do conhecimento histórico. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel et. al.. (Org.). **Ensino de História** - Desafios Contemporâneos. 1ed.Porto Alegre: EST: Exclamação: ANPUH: RS, 2010, v. 1, p. 247-265.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto: 2001.

RELA, Eliana; TROGLIO, Lucas. A imagem como história, uma leitura do livro didático através dos seus recursos visuais. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, p. 182-203, jul./dez. 2017.

ISSN 2237-9126

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2016**: guia digital / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB. Brasília, DF: 2015. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2016/#>. Acesso em 3 jul. 2016.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Uma imagem vale mais que mil palavras! In: MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

CABRAL, Mario da Veiga. **Compendio de Historia do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Jacintho Ribeiro dos Santos, 1929.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História & ensino de História**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GASKELL, Ivan. História das Imagens. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas; tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, PO: Edições 70, 1999.

LANDOWSKI, Eric. **A Sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Pontes, 1992.

MAUZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Ensino de história e imagem: territórios possíveis. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **O ensino de história em questão**: cultura histórica, usos do passado. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Cidade e cultura urbana na primeira república**. Coordenação Maria Ligia Prado, Maria Helena Capelato. São Paulo: Atual, 1994.

STROHER, C. E. Aprendendo com imagens: a função das fontes visuais nos livros didáticos de História. **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 4, p. 46-70, 2012.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. Vol 3. – 2.ed. – São Paulo: Scipione, 2013.